

## Trabalho feminino invisível vale ao menos 8,5% do PIB



Viviane Gil Brandão, 47, lava louça enquanto prepara almoço para Davi, 11: com duas faculdades, é cabeleireira para conciliar o trabalho com os cuidados com o filho e a casa. *Eduardo Knapp/Folhapress*

# Trabalho invisível feminino vale ao menos 8,5% do PIB, mostra pesquisa

Economia do cuidado, que sobrecarrega mulheres, é tema de estudo de FGV Ibre e redação do Enem

### TODAS

Daniele Madureira

SÃO PAULO Lavar a roupa suja, estender, dobrar, passar e guardar a roupa, varrer a casa, tirar o pó, limpar o chão e o banheiro, tirar o lixo, organizar os armários, aguar as plantas, fazer compras, guardar as compras, fazer comida, lavar a louça.

Dar banho na criança, vesti-la e penteá-la, dar comida à criança, levar a criança para a escola, buscar a criança no idoso ao médico, comprar remédios e dá-los à criança ou ao idoso, levá-los para fazer exames, tomar vacinas ou passar por tratamentos médicos, brincar com a criança, estudar com a criança, levar o idoso ao banco.

Alimentar o pet, limpar a sujeira do pet, levar o pet ao veterinário ou para passear, pagar as contas de casa, conferir se é preciso comprar roupa, sapato ou material escolar para a criança, ir à reunião de pais da escola.

Estes são alguns exemplos da economia do cuidado: uma série de tarefas domésticas e de esforço com dependentes (crianças, idosos, doentes ou pessoas com deficiência) que precisa ser realizada para que todos produzam e cumpram seu papel na sociedade.

Mas existe um fator de discriminação nessa economia do cuidado: 65% do trabalho é feito por mulheres. Se fosse computado, esse esforço acrescentaria ao menos 8,5% ao PIB (Produto Interno Bruto) do país, segundo pesquisadores do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

No total, incluindo as tarefas executadas por homens, a economia do cuidado representa 13% do PIB. O assunto ganhou relevância no domingo passado (5), quando o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) propôs como tema da redação "Desafios para o enfrentamento da

invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil".

"Na nossa sociedade patriarcal e machista, o cuidar sempre foi uma tarefa relegada à mulher, enquanto ao homem compete trabalhar", diz a economista Hildete Pereira de Melo, mestre em engenharia de produção e doutora em economia industrial e de tecnologia.

A economia do cuidado é essencial para o bem-estar de todos, para que a engrenagem social funcione, mas não é valorizada, diz Hildete, professora da Faculdade de Economia da UFF (Universidade Federal Fluminense) e editora da Revista Gênero.

"Pior que isso: serve para limitar o direito da mulher a uma melhor qualidade de vida e a ascender na carreira. O seu tempo livre é dedicado aos outros", diz.

Em dezembro de 2007, Hildete e outros dois pesquisadores — os economistas Claudio Considera e Alberto Di Sabbato — publicaram o artigo "Os afazeres domésticos contam", quando usaram como base a quantidade de horas dedicadas a tarefas domésticas declarada na Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) por homens e mulheres.

À época, essa quantidade de horas foi multiplicada pelo rendimento médio das trabalhadoras domésticas. A conclusão é que o tempo gasto com os cuidados com o lar e a família correspondeu a 11,2% do PIB, em média, entre os anos de 2001 e 2005.

Em outubro deste ano, Hildete, Considera e a pesquisadora do FGV Ibre Isabela Duarte Kelly atualizaram o estudo, considerando dados da Pnad Contínua de 2016 a 2022. Chegou-se à cifra de ao menos 13% do PIB brasileiro, em média, se o trabalho com a casa e a família fosse remunerado.

A cifra é considerada subestimada porque, nos cálculos, os pesquisadores multiplicaram as horas gastas no traba-

### Tempo semanal dedicado aos afazeres domésticos e cuidados, por sexo e nível de instrução



Fonte: FGV Ibre, com base em dados da Pnad Contínua

“[A economia do cuidado] Serve para limitar o direito da mulher a uma melhor qualidade de vida e a ascender na carreira. O seu tempo livre é dedicado aos outros”

Hildete Pereira de Melo, professora da Faculdade de Economia da UFF

“Hoje eu ensino meu filho a lavar a louça, arrumar a cama, e até a receber minhas clientes. Digo que ele precisa aprender a fazer para cuidar da casa dele, com a mulher”

Viviane Gil Brandão, formada em marketing e serviço social, e cabeleireira

nomia do país. É tempo dedicado aos outros, que precisa ser melhor compartilhado com os demais integrantes da família.

Há também custos indiretos. Na opinião da pesquisadora Isabela Duarte Kelly, a mulher sobrecarregada com trabalhos domésticos e de cuidados com os outros não só prejudica a própria qualidade de vida, como perde chances de ascender na carreira.

"Se ela é funcionária, não terá a mesma liberdade de horários e viagens que um colega homem, porque será cobrada a cuidar do lar", diz Isabela.

O mais comum, segundo a pesquisadora, é que a mulher escolha trabalhos de menor período ou que ela possa fazer em casa, para conciliar as atividades de cuidados. "Nesses trabalhos, na maioria das vezes, ela ganha menos".

O caso de Viviane Gil Brandão, 47. O dia dela começa às 5h da manhã e só termina às 23h. Viviane é mãe de Davi, 11, e separada do pai dele. Fez faculdade de marketing e de serviço social, mas trabalha como cabeleireira na sala de casa, a fim de conciliar a profissão com os cuidados com Davi e o lar. Também apoia os pais sempre que ficam doentes. Não tem tempo para cuidar de si mesma.

"Meu repouso é no curso de corte e costura que faço de manhã", brinca Viviane.

Ela deixa de atender clientes às segundas e quartas à tarde para levar o filho à escolinha de futebol. "Ele adora", diz. "Mas em compensação, fico o sábado todo trabalhando, e às vezes no domingo".

Única mulher de três irmãos, Viviane diz que a mãe também cobrava que os filhos homens fizessem tarefas de casa. "Mas a maior cobrança era em cima de mim", lembra.

"Hoje eu ensino meu filho a lavar a louça, arrumar a cama, e até a receber minhas clientes. Digo que ele precisa aprender a fazer para cuidar da casa dele, com a mulher", afirma Viviane.

O estudo do FGV Ibre apontou diferentes graus de discriminação de acordo com a região do país.

"As mulheres do Nordeste são as que mais dedicam tempo à economia do cuidado: 22,3 horas por semana, contra 10,9 horas dos homens", diz Hildete.

O Centro-Oeste é onde tanto mulheres quanto homens menos dedicam tempo aos cuidados: 18,7 e 9,8 horas por semana, respectivamente.

No Brasil, o salário dos homens é 26,8% maior do que o das mulheres, em média. Considerando por região, porém, os estados do Norte e Nordeste apresentam a menor diferença: 13,1% e 14,5%, nesta ordem.

No Sul, está a maior discrepância salarial: R\$ 3.501 para eles e R\$ 2.639 para elas, uma diferença de 33%.

À medida que a mulher melhora o seu nível de instrução, o tempo dedicado aos trabalhos domésticos e aos cuidados com a família diminui.

De acordo com o estudo, mulheres sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto dedicam 23,3 horas por semana à economia do cuidado, contra 18 horas das que têm a formação superior completa.

"Possivelmente, as mulheres que estudaram mais ganham mais e podem terceirizar parte das tarefas de cuidados, pagando por isso", diz Hildete.

Os especialistas apontam que, para além do machismo estrutural na sociedade, o Estado tem condições de prover parte desses cuidados, com creches e escolas em período integral, assim como asilos públicos, hoje escassos no Brasil.

"É preciso garantir escolas e creches em período integral, com opções inclusive nos fins de semana, para mulheres que têm a necessidade de trabalhar aos sábados e domingos", diz Isabela.

Outra questão está relacionada à licença-maternidade: hoje a lei brasileira prevê 120 dias para as mães e de apenas cinco dias para os pais — embora um projeto de lei de licença parental preveja 120 dias para qualquer cuidador.

"A partir do momento que o próprio Estado considera que compete apenas à mãe cuidar da criança nos primeiros meses de vida isso só reforça estereótipos", afirma a pesquisadora.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mercado **Caderno:** A **Página:** 17